

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O PROCESSO DE IMPLANTAÇÃO DO INSTITUTO DE CINEMATOGRAFIA DA UNIVERSIDAD NACIONAL DEL LITORAL (1956 – 1962)¹

Leticia Gomes De Assis
Programa de Pós-Graduação em Imagem e Som (PPGIS)
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)
leticiagomesdeassis@gmail.com

Resumo

O Instituto de Cinematografia da Universidad Nacional del Litoral (UNL) está entre as primeiras experiências de ensino superior de cinema na Argentina. Neste trabalho, procuramos reconstituir seu processo de implantação, entre 1957 e 1962, período em que esteve sob a direção do cineasta Fernando Birri. O objetivo é apresentar o percurso de elaboração da proposta curricular do curso, levantando as relações que a escola estabeleceu com determinadas práticas cinematográficas do período. Dessa forma, propomos discutir a articulação desta fase inicial do Instituto de Cinematografia a partir de dois momentos: (1) a elaboração de um método de ensino e produção baseado no documentário; e (2) a sistematização da grade curricular numa perspectiva teórico-prática.

Palavras chave: História do Cinema; Universidade; Argentina; documentário.

Introdução

O Instituto de Cinematografia da Universidad Nacional del Litoral (UNL) iniciou suas atividades oficialmente em 1957, após articulações desenvolvidas ao longo de 1956. Em 1976 a escola foi fechada, coincidindo com o ano de instauração da última ditadura militar argentina (1976 – 1983), devido a diversos motivos que, segundo Amaretti, Bordigoni e Campo (2009, p. 391), se acumularam desde o final da década de 1960.

¹ Este trabalho faz parte do desenvolvimento da pesquisa de mestrado intitulada “Os Primórdios do Ensino Superior de Cinema na Argentina e no Brasil: comparações entre o Instituto de Cinematografia da Universidad Nacional del Litoral e o curso de cinema da Universidade de Brasília”, desenvolvida com bolsa de pesquisa concedida por meio do processo nº 2020/06187-9, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Entre as décadas de 1950 e 1960, durante o período de implantação do Instituto de Cinematografia, outras experiências de ensino superior de cinema também se articulavam nos demais países da América Latina, como Uruguai, Chile, México e Brasil². Segundo Paranaguá (1985, p.72), naquele contexto, a inserção do cinema nas universidades, assim como a atividade cineclubista, a criação de cinematecas, a publicação de revistas especializadas e a prática cinematográfica amadora, fez parte do processo de legitimação e amadurecimento da cultura cinematográfica no subcontinente (ibidem).

Concordando com essa perspectiva, procuramos partir da reconstituição do processo de implantação do Instituto de Cinematografia da UNL, entre 1957 e 1962, período em que esteve sob a direção do cineasta Fernando Birri. O objetivo é discutir as particularidades deste caso, para refletir sobre o modo como a criação da escola e a constituição de sua grade curricular podem ser discutidas. Levantaremos também as relações estabelecidas com determinadas práticas cinematográficas do período, levando em conta os diálogos existentes com o processo de institucionalização da cultura cinematográfica na Argentina.

Para isso, propomos a relacionar os documentos e memórias reunidos no livro *La Escuela Documental de Santa Fe* (BIRRI, 1964), com bibliografia a respeito da escola e da questão universitária no país. Com isso, propomos pensar o processo de implantação do Instituto de Cinematografia a partir de dois momentos: (1) a elaboração de um método de ensino e produção baseado no documentário; e (2) a sistematização da grade curricular numa perspectiva teórico-prática. Buscando fundamentar esta discussão, apresentaremos inicialmente algumas relações entre o processo de inserção

² Paranaguá (1985, p.72), ao retomar a inserção do cinema na Universidade na América Latina, afirma que “o cinema entrou na Universidade de Havana em 1942, num estatuto intermediário entre o currículo e a atividade de extensão cultural”. Além da experiência do Instituto de Cinematografia da UNL, entre as décadas de 1950 e 1960, o autor ressalta a criação do Instituto de Cinematografia da Universidade da República, em 1950 no Uruguai; a criação do Instituto do Filme em 1955 pela Universidade Católica, no Chile; a seção de cinema experimental criada em 1960, na Universidade do Chile; a incorporação em 1968 de cursos de cinema na Universidade de Valparaíso, também no Chile; no México, destaca a criação do Centro Universitário de Estudos Cinematográficos em 1963; e no Brasil, aponta que ingresso do cinema na universidade teria acontecido a partir das experiências da Universidade de Brasília (UnB), em 1965 e da Universidade de São Paulo (USP), em 1966. Além disso, indica que na década seguinte, em 1972, se formaria no Panamá o Grupo Experimental de Cinema Universitário.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

do cinema no ensino superior na Argentina e a implantação do Instituto de Cinematografia na UNL.

A inserção do cinema no ensino superior na Argentina

O período de atividade do Instituto de Cinematografia, de 1956 a 1976, está localizando entre dois momentos marcados por distintas ditaduras militares na Argentina. Para Neil e Peralta (2007, p.11), esses contextos dispuseram de diferentes capacidades para o exercício do poder militar, assim como levaram a distintas ingerências na vida universitária do país.

Em 1955, após o golpe de estado civil-militar que destituiu o governo eleito de Juan Domingo Perón, políticos e funcionários peronistas tiveram seus direitos políticos cassados, ao mesmo passo que os servidores que haviam sido afastados durante a gestão de Perón foram reintroduzidos a seus antigos cargos (FAUSTO e DEVOTO, p.340). É neste cenário que em 1955, Ángela Romera Vera, professora da cátedra de Sociologia e Filosofia do Direito, que havia renunciado o cargo de diretora do Departamento de Extensão Universitária do Instituto Social em 1946, retoma seu vínculo com a UNL como delegada interventora do Departamento de Ensino do mesmo instituto. Neste mesmo período, se desenvolve em Santa Fé uma intensa vida cultural, vinculada ao teatro, à música e ao cinema (NEIL e PERALTA, 2007, p.17).

O Instituto Social, organismo da universidade que em 1957 recebeu o Instituto de Cinematografia, existia desde 1928, sendo responsável pela implantação de diversas propostas de educação informal na região de Santa Fé (SARCIÓFOLO et. al., 2015, p.37). Segundo Neil e Peralta (ibidem), mesmo antes da implantação do Instituto de Cinematografia, o Instituto Social teria realizado exibições de películas em diversos espaços da cidade de Santa Fé e regiões vizinhas. Tal diálogo entre o ambiente cultural local e a universidade teria proporcionado que o Cine Club Santa Fe solicitasse junto à UNL a criação de um Instituto de Artes e Ciências Cinematográficas³. Os autores

³ Neil e Peralta (2007, p.18) transcrevem a solicitação, encaminhada através da seguinte nota, publicada pelo jornal *La Capital*, de Rosário, em 23 de junho de 1956: “Con la firma de su presidente, el Cine Club Santa Fe ha dirigido oportunamente una nota a la interventora del Instituto Social de la Universidad Nacional del Litoral, Dra. Ángela Romera Vera, presentándole un anteproyecto de creación de un Instituto de Artes y Ciencias Cinematográficas dependiente de la UNL”. Os autores também apresentam qual teria sido a resposta de Ángela Romera Vera para a nota do Cine Club Santa Fe: “Sr. Presidente del Cine Club Santa Fe: Me es grato dirigirme al Sr. Presidente haciendo referencia al anteproyecto de creación de un Instituto de Artes y Ciencias Cinematográficas, que tuviera a amabilidad de dirigir a esta

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

indicam que neste ponto a documentação é escassa, ainda sim, levantam a hipótese de que o convite feito a Fernando Birri, para que oferecesse o curso de “Introdução ao Cinema”, ministrado em novembro de 1956, através da Faculdade de Direito da UNL, seria resultado, ao menos parcialmente, de um acordo firmado entre a Universidade e o Cine Club Santa Fe.

Depois desta experiência inicial, a implantação do Instituto de Cinematografia como órgão vinculado ao Departamento de Ensino do Instituto Social é oficializada por meio da resolução nº 129 de 19 de dezembro de 1956. O documento está reproduzido no trabalho de Neil e Peralta (2007, p.77-78)⁴, seu texto elabora um plano de estudos provisório e também propõe a universidade como instituição indicada para organizar espaços onde se possam realizar filmes documentais sem fins comerciais. Mais tarde, o Instituto de Cinematografia ficaria conhecido como Escuela Documental de Santa Fe, enfatizando seu enfoque na produção documental, característica predominante do período em que esteve sob a direção de Birri, entre 1957 e 1962 (SARCIÓFOLO e CENTURIÓN, 2014 p.11).

No que diz respeito ao quadro geral da inserção do cinema no ensino superior na Argentina, a articulação do Instituto de Cinematografia não era uma experiência isolada. Isso porque algumas iniciativas semelhantes já se estabeleciam. Entre as universidades, além da UNL, outras instituições promoveram cursos de cinema. Um exemplo é o Departamento de Cine, criado em 1955, dependente da Escola de Belas Artes da Universidad Nacional de La Plata (UNLP) (INCAA, 2015, p.21). Espaços dedicados ao ensino de cinema também foram organizados fora das universidades, como no caso da Asociación de Cine Experimental (ACE), entidade fundada em 1956, dedicada a ministrar cursos de cinema, em Buenos Aires (ibidem).

Em âmbito legal, o decreto de lei nº 62 de 1957 estipulou a criação de um Instituto Nacional de Cinematografia (INC), que teria entre suas responsabilidades a implantação e a manutenção do Centro Experimental Cinematográfico, escola de cinema dedicada à formação de artistas e técnicos para a atividade cinematográfica

delegación. El mismo es considerado de interés pela suscripta y ha sido llevado a conocimiento de la dirección del Departamento de Acción Cultural para su consideración”. (ibidem).

⁴ Cf. ANEXO X.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

(ARGENTINA, 1957, p.2). Na época, a criação desta proposta de escola nacional de cinema não se efetivou por falta de regulamentação, no entanto, a legislação ofereceu a base para fundar, em 1966, a Escuela Nacional de Experimentación y Realización Cinematográfica (ENERC) (INCAA, 2015, p.21).

A elaboração de um método de ensino baseado no documentário (1957 – 1959)

Para compreender o processo de implantação do Instituto de Cinematografia, além da questão universitária na Argentina, é importante retomar o diálogo que a escola estabeleceu com o Centro Sperimentale di Cinematografia⁵, na Itália (AIMARETTI, BORDIGONI, CAMPO, 2009, p.), a partir da passagem tanto de Fernando Birri, como de Adelqui Camusso, pela escola italiana.

Após formar-se em direção cinematográfica, na mesma turma do brasileiro Rudá de Andrade, em 1952⁶ (AVELLAR, 1994, p.71), Birri teria atuando em algumas produções⁷, antes de regressar à Argentina e articular a implantação da escola de cinema (AVELLAR, 1994, p.71). Além disso, também Camusso, que em 1958 irá integrar o corpo docente do curso e em 1962, com a saída de Birri, passará a ocupar a direção do Instituto, havia cursado direção de fotografia em Roma (BIANCO E NERO, 1953).

Um breve relato sobre a passagem de Birri pela escola está descrito em *Como se estudia en el Centro Sperimentale di Roma*, originalmente publicado na revista *Punto y Aparte* em 1957, e reproduzido em *La Escuela Documental de Santa Fe*. No texto, o cineasta identifica uma forte aproximação entre o ambiente do Centro Sperimentale e a produção neorrealista, através, por exemplo, da presença de diretores como Lucino Visconti, em atividades do curso. Além disso, Birri destaca que a formação na escola italiana se dividia em um primeiro ano teórico e um segundo ano prático.

⁵ Segundo Autran (2013, p.9), a escola italiana funcionava em Roma desde 1935 e ao longo de sua história contou com professores como Luigi Chiarini, Rudolf Arnheim, Umberto Barbaro e Vittorio Storaro. Além disso, formou profissionais como Michelangelo Antonioni, Giuseppe de Santis e Marco Bellocchio (ibidem).

⁶ Além de Rudá de Andrade, Fernando Birri lista outros nomes que teriam estudado no Centro Sperimentale naquele período (BIRRI, 1964, p.). Alguns deles, como Angelo D'Alessandro, Antonio Navarro Linhares, Dino B. Partesano, Ornella Vasio, Folco Quilici, Filippo Perrone, Domenico Barnabei, Ricardo Passaglia, são mencionados como parte da turma de direção, no livro de alunos diplomados da escola italiana de 1950 até 1956 (CENTRO SPERIMENTALE DI CINEMATOGRAFIA, 1956).

⁷ Segundo Avellar (1994, p.71), depois de concluir os dois anos de formação em 1952, Birri atuou em algumas produções na Itália, incluindo *O Teto* (*Il Tetto*, 1953), com direção de Vittorio de Sica e roteiro de Cesare Zavattini.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Podemos pensar a relação entre teoria e prática com a qual o cineasta teve contato na Itália, em diálogo com as atividades desenvolvidas durante o seminário de cinema, oferecido na Facultad de Ciencias Jurídicas y Sociales em 1956. De acordo com Birri (1964, p.18), o curso teve duração de quatro dias, contado com cerca de 130 alunas e alunos, entre os quais "jóvenes escritores, plásticos y músicos de la ciudad, socios de los cineclubes, integrantes de los teatros independientes, pero, sobre todo, estudiantes secundarios y universitarios, asistentes sociales, maestros" (ibidem). Ainda segundo o cineasta, as aulas teóricas do seminário se basearam no programa de Luigi Chiarini, com quem havia estudado em Roma.

Além da relação prévia com a proposta de Chiarini, a escolha do programa teórico teria relação com a publicação na Argentina de uma versão traduzida para o espanhol do seu livro *Il film nei problemi dell'arte*, naquele mesmo ano. As atividades práticas deste primeiro curso também se relacionaram com a experiência na Itália em outros aspectos, pois teriam partido do visionamento e discussão dos fotodocumentais *Un paese*, com textos de Zavattini e fotografias de Paul Strand, e *I bambini di napoli*, com textos de Domenico Rea e fotos de Chiara Samugheo⁸ (BIRRI, 1964, p.18). As obras reuniam o registro fotográfico de cenas documentais, acompanhados de textos sobre estes registros.

Como resultado do seminário, foi publicado no fim de 1956, um "primer cuaderno de 'fotodocumentales' santafesinos" (BIRRI, 1964, p.52), que incluíram as séries de fotografias e textos *Tire dié*, *El conventillo*, *Edad feliz*, *nunzia*, *mercado de abastado*, *El triángulo*, *Alto verde*, *Un boliche*, e *A la cola* (BIRRI, 1964, p.159). Segundo Priamo (2007, p. 84), as legendas que acompanhavam as imagens dos fotodocumentais variavam entre comentários de opinião, como no caso de *Tire Dié*, ou

⁸ *Un paese* foi publicado como livro em 1955, com imagens do fotografo estadunidense Paul Strand e textos do cineasta italiano Cesare Zavattini. Segundo Birri (1964, p. 18), *I bambini di Napoli*, foi publicado na revista *Cinema Nuovo*, em 1955. A respeito das projeções de *Un paese*, Luis Priamo, que foi aluno do instituto depois da saída de Birri, ingressando em 1963, recorda a continuidade da utilização do fotodocumental como parte dos estudos da escola, identificando algumas diferenças entre o material projetado e a publicação de Zavattini e Strand: "Hace muy poco tuvo por primera vez en las manos el libro de Zavattini e Strand, *Un paese*; allí advertí que las fotos están insertas en un texto corrido, sin legendas individuales, como había creído hasta entonces. Nosotros, en el Instituto, lo conocimos a través de la proyección de las fotos de Strand en diapositivas, acompañadas con la lectura del texto de Zavattini (recuerdo la voz de Juan Oliva en la oscuridad de la sala). Posiblemente alguien había traducido el libro y seleccionado luego los fragmentos que debían acompañar a cada foto. Quizá el trabajo se hiciera en Sata Fe, al igual que la reproducción de las fotos de Strand" (PRIAMO, 2007, p.100 -101).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

transcrições das entrevistas das pessoas fotografadas, que eram gravadas durante a feitura das fotos, procedimento utilizado em *Alto Verde*.



Figura 1 - Fotografia do fodocumental *Tire Dié*, reproduzido em *La Escuela Documental de Santa Fe* (BIRRI, 1964).

A metodologia de trabalho dos fotodocumentais tinha como objetivo a elaboração de exposições sequenciadas de fotografias com legendas sobre temas variados, preferencialmente locais, que buscavam capturar de forma crítica as profundas transformações da realidade social daquele período (NEIL, PERALTA, 2007, p. 22-23). Dessa forma, a proposta diante desse tipo de produção permitia o estabelecimento de uma relação entre cinema e produção de conhecimento que pode ser vinculada à sociologia, enquanto disciplina científica (ibidem). Tal perspectiva permitiu que ao longo da implantação do Instituto de Cinematografia a produção de fotodocumentais se estabelecesse como uma prática fundamental, funcionando como um método de elaboração para as produções do curso.

Em 1957, o ano letivo teve início em 08 de abril e foi até 15 de dezembro, contando com 104 estudantes inscritos (BIRRI, 1964, p.175). Neste momento, a proposta era de que o curso tivesse a duração de três anos. De acordo com Birri (idem, p.123), a primeira etapa, chamada de ‘documentalística’, funcionaria como momento de introdução às questões técnicas da atividade cinematográfica. Depois deste momento inicial, os dois anos seguintes seriam dedicados à elaboração de filmes curtos, como trabalhos práticos que preparariam os estudantes para a realização de longas metragens, contando com disciplinas específicas como roteiro, direção, cenografia, figurino, montagem e sonorização (ibidem).

O programa de estudos formalmente sistematizado incluía pensar a produção cinematográfica, em especial o documentário, em relação aos seus problemas “estéticos,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

morais e sociais” (BIRRI, 1964, p.175). Com estes objetivos, somadas aos estudos teóricos, as atividades práticas se dividiriam entre a produção de novos fotodocumentais e as filmagens do documentário *Tire dié*, baseado em um dos exercícios do seminário do ano anterior.

Nos diários de filmagem, reproduzidos em *La Escuela Documental de Santa Fe*, há indicação de que os alunos trabalharam em grupos, não apenas durante as captações, mas também para aplicar questionários que fundamentavam a pesquisa de *Tire dié*. As notas indicam a necessidade de pensar questões técnicas, além de métodos para realização das entrevistas e filmagens que compunham a atividade prática:

“3er. Día de filmación (16, domingo, mañana y tarde)

Grupo 6

- No filmar sin hacer ANTES la encuesta (pues se volvió a hacer una toma sin encuesta previa y fracasó: hubo relax en todo el equipo).
- No conversar problemas técnicos o discutir delante del encuestado.
- Longitud del cable del micrófono.
- Atención a la rapidez con que se va la película.” (BIRRI, 1964, p.70).

Além dessas atividades, em 1957 o Instituto de cinematografia promoveu um ciclo de projeções em parceria com o Cine Club Santa Fe e uma série de palestras realizadas na universidade, como a conferência com o crítico José Agustín Mahieu, intitulada "Configuración de la cinematografía contemporánea, su evolución y tendencias actuales"; e a fala do cineasta Simón Feldman, tratando de "La imagen cinematográfica" (BIRRI, 1964, p.175). As atividades teriam incluído também exibições de produções internacionais como do documentário *Orquil Burn* (1955), da cineasta escocesa Margaret Tait, com quem Birri trabalhou na Itália⁹, e das produções do documentarista sueco Arne Sucksdorff (ibidem).

No mesmo ano, a *Revista Universidad* da UNL informa na sessão *Crônica Universitaria* sobre exposição dos fotodocumentais produzidos no curso (1957, p.255). A exposição teve início em 06 de junho, com fala de abertura de Fernando Birri a partir do tema “Fotodocumentalismo: cine en enbrión”. Em 20 de junho daquele ano, a exposição foi exibida também em Rosário.

⁹ Fernando Birri foi assistente de direção do curta metragem em 16mm *One Is One* (1951), dirigido por Tait, provavelmente como parte das atividades do Centro Sperimentale di Cinematografia. Disponível em:

https://movingimage.nls.uk/film/6229?search_term=Margaret%20Tait&search_join_type=AND&search_fuzzy=yes. Acesso em 10 fev 2021.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A experiência de 1957 ofereceu a base para a organização do plano de estudos do ano seguinte, que começou em 17 de abril. As atividades mantiveram formações práticas e teóricas. O plano de estudos passava a ser dividido em três sessões: (1)Escolástica, (2)Taller Experimental e (3)Producción.

A primeira delas funcionava diariamente, nos moldes de uma escola tradicional, seguindo a dinâmica de aulas teóricas, atividades práticas e exames. No período noturno, ocorriam as aulas teóricas e entre às 16h e 19h aconteciam orientações e realizações de trabalhos práticos. Fora as matérias teóricas e técnicas pertinentes à produção cinematográfica, havia também cursos complementares de Noções de Sociologia, Técnica de Pesquisa Social e Cultura Geral (BIRRI, 1964, p.124).

A sessão Taller Experimental consistia na etapa onde se desenvolviam os fotodocumentais. De acordo com Birri (idem, p.125), a produção desse material documental nesta sessão estava orientada por quatro eixos: atualidade, documentários didáticos, técnicos científicos e dramáticos. Para o cineasta:

"A los fines de su comprensión didáctica consideramos que con la actividad de esta sección se cumplen fundamentalmente cuatro etapas clásicas del planteo frente a la realidad: la actualidad se refiere a un momento fugaz pero ponderable desde un punto de vista humano; la didáctica considera su utilización a fines pedagógicos; la técnica o científica, donde interesa la constatación de un proceso o fenómeno; en el documental dramático esa realidad se organiza con un arco de historia, permitiendo ya un libre elaboración personal." (BIRRI, 1964, p.125).

Esperava-se que essas duas sessões abrissem caminho para uma última, destinada à produção de uma obra final, já com características mais próximas de uma produção profissional. Sob essa divisão das atividades, produziram-se novos fotodocumentais, que em 1959 dariam origem a novos exercícios filmados em película. Prosseguiram também as filmagens de *Tire Dié* (BIRRI, 1964, p.178), de forma que em 27 setembro de 1958 uma primeira versão do filme, que ganharia forma definitiva em 1960, foi projetada no Paraninfo da Universidade, contando ainda com a “2ª Exposición de fotodocumentales”, do Instituto Cinematografía.

Segundo Birri, em 1958 o Instituto teria adquirido diversos equipamentos, entre eles uma filmadora Bell & Howell Eyeno 35mm e uma Bolex-Paillard 16mm¹⁰. Em

¹⁰ De acordo com Birri, esta seria a lista completa de aquisições de 1958 “1 cámara filmadora 'Bolex-Paillard' 16mm con 2 objetivos 'Swytar' y 1 objetivo 'Ivar'; 1 cámara filmadora 'Auricon' 16 mm., sonora, con 1 objetivo "Super Comat-Taylor-Hudson" 1 objetivo "Super Comat Bell & Howell" y 1 objetivo

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

1959, as iniciativas do Instituto de Cinematografia seguiriam se estendendo para além da Universidade.

Naquele mesmo ano a escola organizou em Santa Fé a *Primera Semana Universitaria de Cine Documental Internancional*, entre os dias 28 de setembro e 04 de outubro (UNIVERSIDAD NACIONAL DEL LITORAL, 1959, p.312). Além de filmes da Argentina, o evento contou com projeção de películas do Canadá, da Checoslováquia, Dinamarca, Holanda, Israel, Itália, Polônia, França, Chile, Suécia, Alemanha e Inglaterra (ibidem).

Como parte da programação da semana, aconteceu a Primeira Reunião de Cine Documental Argentino, cujo debate teria se dedicado a discutir o “Sentido y necesidad de un cine documental argentino” (BIRRI, 1964, p.180). As resoluções sistematizadas a partir do encontro reivindicavam a implantação de ações previstas na lei nº 62 de 1957. As demandas especificavam a obrigatoriedade de exibição de curtas metragens e a criação de uma Cinemateca Nacional e do Centro Experimental de Cinematografia. Dessa forma, as articulações desenvolvidas a partir da escola, construía diálogos com o meio cinematográfico nacional, tanto pela articulação de realizadores cinematográficos, como reivindicando principalmente medidas voltadas ao fortalecimento de formas institucionais e estatais de fomento e preservação da cultura cinematográfica.

No que diz respeito ao desenvolvimento do curso, em 1959 o ano letivo começou em 04 de maio e seguiu até 27 de fevereiro de 1960 (idem, p.185). Naquele ano aspectos da organização institucional da escola se tornariam mais delineados, a partir da inclusão de novas cátedras e definição da uma equipe técnica e de docentes. Além disso, foram adquiridos novos equipamentos, películas virgens, e começavam as solicitações para aquisição de material para a composição de uma biblioteca e a compra de mobília para instalação de infraestrutura própria do Instituto.

"Cooke", con micrófono, auriculares y equipo para registro de sonido, para filmaciones síncronas, reportajes y T.V.; 1 cámara filmadora "Eyemo" 35mm., con 3 objetivos "Cooke", motor, parasol, 2 chasis de 12m.c/u., trípode profesional junior; 1 carrito; 1 grabador magnético "Bell & Howell" con botonera selector, micrófono y transformador; 1 moviola marca "Unión" 35 mm, sonora, 1 moviola marca "Técnica Cinematográfica" 16mm., sonora, 1 flash electrónico "Matador"; 1 cámara fotográfica 6x6 "Ikoflex"; 1 ampliadora fotográfica "Kineflex"; 1 proyector cinematográfico "Bell & Howell" 16 mm; sonoro, con parlante exterior y pantalla portátil de proyección; se dio comienzo además a la instalación del laboratorio fotográfico". (BIRRI, 1964, p. 179)

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

De acordo com Birri (idem, p.185), naquele ano foram produzidos quatro documentários, como trabalhos práticos do curso. Um deles um registro similar aos filmes de atualidades da época, sobre a inundação ocorrida em Santa Fé em 1959, chamado *La Inundación de Santa Fe* (Juan Oliva, Elena de Azcuénaga y Edgardo Pallero). Também foram produzidos um documentário sobre o teatro de títeres para crianças *Retablillo de perico* (César Caprio); uma película de caráter científico sobre procedimentos cirúrgicos *5º Dedo Varo* (Enrique Arteaga); e o exercício documental *El palanquero* (Hugo Abad), que acompanhava o cotidiano de um vendedor de peixes (ibidem). A experiência destes anos iniciais serviria para em 1960 elaborar um organograma, sistematizando o funcionamento e a grade curricular do Instituto de Cinematografia.

Sistematização da grade curricular numa perspectiva teórico-prática (1960 – 1962)

Em 1960, as aulas do Instituto de Cinematografia tiveram início em 09 de maio, contando com atividades da seção escolástica até 31 de outubro (BIRRI, 1964, p.189). A partir daí, até janeiro de 1961, se desenvolveriam as atividades práticas, através de equipes formadas por estudantes dos distintos anos (ibidem). Naquele ano, o plano de estudos e organização interna da escola consolidou-se, a partir da aprovação do Organograma 60, documento que sistematizava a proposta. De acordo com Birri,

"Se dictó el 6 de junio de 1960 la resolución n° 109, referente al Plan de Estudios y Reglamento (Organograma 60) a regir en el Establecimiento. La resolución aludida fue aprobada el 21 de noviembre del mismo año por el Rectorado de la Universidad." (BIRRI, 1964, p. 195)

Nesta sistematização o curso abarcaria um primeiro ciclo básico, cursado entre o primeiro e o terceiro ano, com disciplinas específicas oferecidas por um setor chamado Escuela de Cinematografia e produzindo os projetos práticos, a partir do Taller Experimental. Tais trabalhos incluíam fotodocumentais, fotografias em preto e branco e coloridas, filmagens silenciosas e sonoras em películas 16mm preto e branco (em casos especiais, poderia se produzir em película colorida) (idem, p. 127).

O ciclo seguinte, chamado profissional ou Ciclo Superior: Seminario y Tesis, estava vinculado ao Departamento de Produção e também ao Taller Experimental. Nele, estudantes que fossem aprovados no terceiro ano do curso, ingressariam com dedicação exclusiva, garantida por função remunerada ou bolsa de estudos, atuando como

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

instrutores nas atividades da Escuela de Cinematografía e do Taller Experimental. Para a conclusão desta etapa, era necessário produzir um curta metragem que obtivesse qualificação do Instituto Nacional de Cinematografía (INC), para exibição no circuito comercial (BIRRI, 1964, p.128).

Durante o ano letivo, atividades específicas foram desenvolvidas para as cátedras que compunham o curso, entre elas estavam Comunicação com Meios Audiovisuais, Introdução ao Cinema, Fotografia, Roteiro, Crítica e Estética Cinematográfica e História do Cinema. Os trabalhos práticos dos diferentes anos do curso contavam com fotodocumentais, portfólios de fotografia e exercícios de filmagem. A eles se somavam o visionamento de filmes, obtidos através de parcerias com embaixadas e instituições culturais, e a elaboração de análises e textos críticos (idem, p. 190).

Para além das atividades de ensino, o Instituto de Cinematografía seguiu ampliando suas condições de infraestrutura com aquisição de equipamentos e ampliação da biblioteca, com bibliografia especializada (idem, p. 192). A estrutura da escola também ganhou novas divisões, com a criação de um Departamento de Publicações, o Editorial Documento, destinado a editar publicações próprias e também produzir traduções de bibliografia sobre cinema (ibidem). Em termos de difusão, as atividades da escola ocorreram tanto num circuito interno como externo, contando com a realização de uma segunda edição da *Semana Universitaria de Cine Documental Internacional*, além da circulação da produção do Instituto de Cinematografía por festivais de cinema.

Já com base na sistematização curricular do ano anterior, em 1961 as atividades da Escuela de Cinematografía tiveram início em 08 de maio (BIRRI, 1964, p. 199). A partir de novembro daquele ano, até janeiro de 1962 seguiram em curso as atividades práticas do Taller Experimental. Dessa forma, estudantes do primeiro ano produziram exercícios fotodocumentais, enquanto no segundo ano, as chamadas “exercitaciones filmicas” - espécie de exercícios cinematográficos curtos, que não eram compreendidos como curta-metragens finalizados - foram realizadas coletiva ou individualmente, com apoio dos instrutores que haviam ingressado no ciclo superior, no ano anterior (ibidem).

Ainda entre as atividades da turma do terceiro ano, foram produzidos os documentários em 16mm *Tierra para niños* (Hugo Abad), *Feria Franca* (Hercilia

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Marino), *Los Ojos que oyen* (José Ayala). No Ciclo Superior, teve início o trabalho em *Los 40 cuartos* (Juan Oliva, 1962), curta metragem documental, baseado no fotodocumental *El Conventillo*, considerado como a “2ª encuesta social filmada”, produzida no Instituto (ibidem).

A película foi finalizada em 1962, retratando as condições de habitações precárias de Santa Fé, porém sua exibição foi proibida no ano seguinte pelo poder executivo da Argentina (BIRRI, 1964, p.167). Com base no decreto nº4965 de 1959, o filme foi enquadrado no artigo que contemplava a proibição de atividades entendidas como propaganda comunista (ibidem).

Aimaretti, Bordigoni e Campo apontam que Birri deixou a direção do Instituto em 1962 (2009, p.371). Para os autores a intensão de Fernando Birri era de preservar as atividades da escola, comprometidas pelo contexto de tensões políticas, que envolveram a censura à película *Los 40 Cuartos* (ibidem, p. 388). Tais tensões dialogavam com o cenário nacional, tendo em vista que naquele ano um golpe de estado derrubou o presidente eleito em 1958, Arturo Frondizi. De acordo com Fausto e Devoto (2004, p.359), no processo de sua deposição, Frondizi deixou acertada a posse do presidente do Senado José María Guido, seguindo a linha de sucessão constitucional e evitando a instalação de uma ditadura militar no país naquele momento.

Com a saída de Birri, Aldelqui Camusso assume a direção da escola até 1969, quando renuncia à posição (NEIL, PERALTA, 2007, p.52). Durante esta gestão, as rotinas institucionais da escola seguem se burocratizando, processo justificado como necessário para a manutenção da proposta formativa da escola. Tal burocratização influenciaria transformações que se concretizariam em mudanças estéticas nas produções do Instituto de Cinematografia.

No que diz respeito à trajetória de Fernando Birri, após de deixar a direção do Instituto, o cineasta viaja para o Brasil acompanhado de outros integrantes da escola: Edgardo Pallero, Manuel Horácio Giménez e Dolly Pussi. O grupo participou de atividades realizadas na Cinemateca Brasileira, voltadas à difusão da experiência de Santa Fé, além disso, Pallero, Pussi e Giménez também participaram em diferentes funções da produção dos documentários *Viramundo* (Geraldo Sarno, 1964), *Memória do Cangaço* (Paulo Gil Soares, 1964), *Nossa Escola de Samba* (Manuel Horácio

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Giménez, 1964) e *Subterrâneos do Futebol* (Maurice Capovilla, 1964), produzidos por Thomaz Farkas (RAMOS, 2009, p.380).

Considerações Finais

Ao reconstituirmos o processo de implantação do Instituto, é possível perceber a forte presença da prática e da teoria documental no projeto formativo do curso. A predominância do documentário enquanto atividade cinematográfica se desenvolveu em um espaço universitário que buscou revitalizar e aprofundar atividades de extensão e difusão cultural.

Neste sentido, podemos retomar as considerações de Neil e Peralta (2007, p.34), que propõem que o processo de implantação do Instituto de Cinematografia pode ser encarado através de dois eixos de atividades. Um realizado dentro da instituição, a partir das aulas, da produção dos fotodocumentais e dos primeiros filmes. O outro eixo estaria ligado à construção de espaços de intercâmbio, sendo formado pelas exposições de produções cinematográficas e fotográficas do curso, na UNL e em outras universidades, escolas e associações de bairro; a promoção das Semanas Universitárias de Cine Documental Internacional; além das apresentações em festivais internacionais e viagens a trabalho dos professores, para dar ou participar de cursos.

Além disso, o processo de institucionalização do Instituto de Cinematografia sistematizou um caminho de profissionalização da atividade cinematográfica em Santa Fé, a partir da consolidação de um sistema de ensino aprendizagem para um saber específico, habilitando novos títulos de ensino superior (idem, p.35).

Outro ponto relevante é a forma como as relações do Instituto de Cinematografia extrapolaram as fronteiras nacionais, não apenas através do diálogo com outras experiências de ensino de cinema, como a do Centro Sperimentale de Cinematografia; como também a partir da realização de atividades ligadas à difusão da experiência da escola, como no caso da vinda de integrantes do Instituto para o Brasil, país onde divulgaram o curso e alguns deles trabalharam em produções cinematográficas. Destacamos também a relevância atribuída a *Tire Dié*, no cenário da produção documental da América Latina, o que garantiu ao Instituto repercussão e legitimação internacional.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A reconstituição do processo de implantação do Instituto de Cinematografia permite também lançar questões mais amplas, sobre os primórdios do ensino superior de cinema. A partir do processo de reconstituição do percurso de implantação da escola, é possível debater conexões com outros empreendimentos no mesmo sentido, como a atuação de Fernando Birri na formação da Escuela Internacional de Cine y TV, fundada em 1986 em Cuba. Dessa forma, pensamos que este levantamento inicial colabora no processo de busca por fontes documentais que possam ampliar a discussão a respeito do curso, de suas repercussões e pontos de contato com outras experiências argentinas e latino-americanas.

Referências

- AIMARETTI, Maria; BORDIGONI, Lorena; CAMPO, Javier. La Escuela Documental de Santa Fé: un ciempiés que camina. In: LUSNICH, Ana Laura; PIEDRAS, Pablo (Ed.). *Una Historia del Cine Político y Social en Argentina (1986-1969)*. Buenos Aires: Nueva Librería, 2009. p. 359-394.
- ALLIEVI DIPLOMATI 1950 - 1956**. Roma: Centro Sperimentale di Cinematografia, 1956.
- ARGENTINA. Decreto de Lei nº 62, de 09 de janeiro de 1957.
- AUTRAN, Arthur. O cinema no campo da comunicação. In: Marialva Carlos Barbosa; Maria Berenice da Costa Machado; Igor Sacramento. (Org.). *Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil 2012/2013 - Memória*. 1ed. Brasília: IPEA, 2013, v. 4, p. 275-291.
- AVELLAR, José Carlos. *A ponte clandestina: teorias de cinema na América Latina*. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1995.
- BECEYERO, Raúl; et. al.. *Fotogramas santafesinos: O Instituto de Cinematografía de la UNL (1956-1976)*. Santa Fé, Ediciones UNL, 2007.
- BIANCO E NERO**. Roma: Centro Sperimentale di Cinematografia, n. 12, 1953. Disponível em: https://fondazioneccsc.b-cdn.net/wp-content/uploads/2019/11/BN_1952_12.pdf. Acesso em: 15 fev. 2021.
- BIRRI, Fernando. *La escuela documental de Santa Fe: Una experiencia-piloto contra el subdesarrollo cinematográfico en Latinoamérica*. Santa Fe: Editorial Documento, 1964.
- _____. *El alquimista democrático: por un nuevo nuevo nuevo cine latinoamericano - 35 años de escritos teóricos y poéticos 1956-1991*. Santa Fe: Sudamérica, 1999.
- BURTON, Julianne. *The Social Documentary in Latin America*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press. 1990.
- _____. *Cinema and Social Change in Latin America: conversation with filmmakers*. Austin: University of Texas Press. 1986.
- CENTURIÓN, Jorgelina; SCARCIÓFOLO, Stella. *Ojo del Mundo: orígenes y las primeras producciones del Instituto de Cinematografía de la Universidad Nacional del Litoral*. Santa Fé: Universidad Nacional del Litoral, 2014.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

- COSTA, Maria Cecília; SCARCIÓFOLO, Stella. *Angela Romera Vera: La lucidez de una intelectual reformista*. Santa Fé: Universidade Nacional del Litoral, 2019.
- Instituto Nacional de Cine y Artes Audiovisuales (INCAA). ENERC 50 años. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Instituto Nacional de Cine y Artes Audiovisuales-Incaa, 2015. 243 p. v.1; 1ª ed.
- FAUSTO, Boris; DEVOTO, Fernando J. *Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada (1850-2002)*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2005.
- LUSNICH, Ana Laura; PIEDRAS, Pablo (Ed.). *Una Historia del Cine Político y Social en Argentina (1986-1969)*. Buenos Aires: Nueva Librería, 2009.
- MARANGHELLO, César. *Breve História del Cine Argentino*. Laertes S.A. Ediciones: Barcelona, 2005.
- MESTMAN, Mariano. From Italian Neorealism to New Latin American Cinema. *Global Neorealism*, [s.l.], p.163-173, 11 out. 2011. University Press of Mississippi.
- MOREIRA, João Flávio de Castro. *As políticas de expansão e privatização do ensino superior no Brasil e na Argentina (1989 – 2009)*. 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- NEIL, Claudia; PERALTA, Sergio. 1956-1976: Instituto de Cinematografía de la Universidad Nacional del Litoral. In: BECEYERO, Raúl; et. al.. *Fotogramas santafesinos: O Instituto de Cinematografía de la UNL (1956-1976)*. Santa Fé, Ediciones UNL, 2007.
- NÚÑEZ, Fabián Rodrigo Magioli. *O que é o Nuevo Cine Latinoamericano: o cinema moderno na América Latina segundo as revistas cinematográficas especializadas latino-americanas*. Niterói, 2009. 656p. Tese de doutorado, Instituto de Arte e Comunicação Social, Departamento de Comunicação, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2009.
- PARANAGUÁ, Paulo Antonio. *Cinema na América Latina: longe de Deus e perto de Hollywood*. Porto Alegre: L&P Editores Ltda., 1985.
- PRADO, Maria Lígia Coelho. *América Latina no Século XIX: tramas telas e textos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004, 2ª ed.
- REVISTA UNIVERSIDAD**. Santa Fe: Universidad Nacional del Litoral, n. 35, 1957. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11185/3795>. Acesso em: 10 fev. 2021.
- SARCIÓFOLO, Stella; et. al.. Extensión Universitaria: desde sus orígenes en la Universidad Nacional del Litoral - Libro I. Santa Fé: Universidad Nacional del Litoral, 2015.
- SIGAL, Silvia. *Intelectuales y poder en la década del sesenta*. Buenos Aires: Puntosur Editores, 1991.
- RAMOS, Fernão. *Mas afinal... o que é documentário?*. São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2008. 447 p.
- VILLAÇA, Mariana Martins. *O Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos (ICAIC) e a política cultural em Cuba (1959-1991)*. 2006. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2